

# ARTIGOS

---

## A INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA HISTÓRIA (\*).

---

### I. — A NATUREZA DA HISTÓRIA.

#### A. — NOSSO PROBLEMA.

Nosso mundo ocidental é particularmente condicionado pelo sentido histórico. Parece que somos incapazes de aceitar os acontecimentos de modo fatalista, como ainda o fazem centenas de milhões de pessoas fora da tradição ocidental. Antes, quando agimos coletivamente o fazemos tendo em vista um objetivo que foi escolhido por nosso grupo ou comunidade. Análogamente, avaliamos os acontecimentos do presente relacionando-os ao passado, isto é, vêmo-los como fases de um processo; assim quando dizemos que as coisas estão melhores ou piores do que eram dez ou cem anos atrás, exprimimos com isto nossa convicção de que foi a História que progrediu ou deteriorou e não apenas que estamos em melhores ou piores condições do que nós ou outras pessoas estavam no passado. Finalmente, somos incapazes de pensar na situação presente sem pretender que alguém ou alguma coisa seja responsável pelas condições atuais.

E' devido a êste sentido histórico por nós herdado que a História se tornou um problema para a nossa geração. Existe um sentimento generalizado entre os ocidentais de que a raiz de nosso desconforto e insegurança é o fato de ter-se a História extraviado, temporariamente ou por alguma insuficiência intrínseca. Esta idéia surgiu entre nós por causa da crescente pressão dos acontecimentos. Depois da harmonia relativa do século XIX e começo do século XX, passamos a viver dentro de um período de guerras mundiais e tensões internacionais, cujo efeito é a divisão da humanidade em dois campos hostis e aparentemente irreconciliáveis. Nossa crença em um progresso inevitável e permanente da humanidade foi severamente abalada quando tivemos conhecimento da matança de milhões de inocentes na Rússia soviética, dos campos de extermínio de Hitler e das bombas atômicas atiradas em Hiroshima. Experimentando penosamente as conseqüências do imperialismo colonial, das explorações econômicas e das agudas

---

(\*) . — Este artigo é o primeiro a ser publicado duma série de palestras proferidas pelo Prof. Otto A. Piper no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em agosto de 1953. Texto inglês traduzido por Percy Fávero Schützer. (Nota da Redação).

injustiças sociais, perguntam-se os homens a si mesmos se afinal de contas alguma coisa de valor foi realizada na História? Vale a vida histórica o preço que a raça humana tem que pagar por ela? Por que “sangue, suor e lágrimas”, quando depois de uma guerra vitoriosa, uma nação dela emerge mais fraca e menos influente que antes? Por que sacrificar centenas de milhares de vidas e bilhões de dólares quando uma ação de polícia internacional contra um agressor termina num impasse?

Além disso, há a mudança radical que os desenvolvimentos recentes no mundo ocidental operaram no valor atribuído à vida individual pelo homem moderno. Por muito que gostássemos de ainda nos entreter com os sonhos da soberania do Ego e da superioridade de uma concepção individualista da vida, compreendemos que estamos vivendo em uma época dominada pelo espírito de massa. O modo de nos comportarmos e pensarmos é ditado em grande medida pelos órgãos de opinião pública tais como a imprensa, o rádio e o cinema que, sem exceção, tendem a fazer-nos sob todos os aspectos, conformes a grande poderes anônimos. As condições sociais, políticas e culturais em que vivemos tornam cada vez mais difícil para o indivíduo moldar sua vida segundo seus próprios desejos, e até mesmo nossos artistas e escritores **demonstram** uma espantosa monotonia e uniformidade em suas produções. Todavia é penosamente que nos familiarizamos com o fato de que este mundo é “um mundo só”. Sua unidade não é a de uma família harmônica e amorosa de nações como esperaram os melhores pensadores do século XIX, mas antes a do comércio mundial e da política internacional. Daí resulta que uma mudança na estrutura social da Grã-Bretanha ou uma variação no mercado interno dos Estados Unidos, por exemplo, pode ter resultados catastróficos sobre a agricultura do Brasil ou a indústria da França. Os poderosos deste mundo que dizem servir à democracia, têm no momento, medo de eleições livres, porque uma nova corrente na vida nacional pode resultar em um governo novo, cuja política pode perturbar o precário equilíbrio do poder internacional.

Finalmente, foi-se a firme esperança de nossos pais de que a Ciência seria cada vez mais capaz de predizer o curso dos acontecimentos. Vastas mudanças políticas e revoluções sociais trouxeram-nos a convicção amarga de que na vida das nações nada deve ser admitido como certo e que o inesperado é o que mais provavelmente acontecerá amanhã.

Como resultado de todos estes desenvolvimentos, nossa geração, mais do que as anteriores, está atormentada pela incerteza de sua situação. E' verdade que alguns de nossos contemporâneos se esforçam por esquecer este fato inquietante. Procuram persuadir suas mentes a se satisfazerem com os esforços para ganhar dinhei-

ro e com prazeres dispendiosos. Mas é característico da insegurança de nossa época que os homens de negócio, mais que quaisquer outros, consultam adivinhos, oráculos, espíritos e outras fontes mágicas ou ocultas de informação. Impiedosamente os desenvolvimentos históricos invadem a esfera de seus interesses particulares e ameaçam perturbar seus planos. Outros esperam que a impotência a que a História reduziu o indivíduo possa ser compensada pela exibição, seja de poder coletivo, seja de violência ou de uma combinação de ambos. A nossa é uma época de revoluções, rebeliões e tumultos.

Os últimos quarenta anos nos ensinaram de um modo bem impressionante que as transformações históricas, por mais radicais e violentas que sejam, não são capazes, por si mesmas, de tornar os indivíduos mais felizes do que eram; e que, paradoxalmente, parece ser uma lei da História, que em uma disputa histórica, o vencedor logo adota as próprias armas, meios e princípios de seu adversário. Assim o verdadeiro anseio de nossa época é entender e interpretar a História. Não será, porventura, que o que na superfície nos parece tão confuso e sem sentido nos revelaria seu propósito e finalidade se nos déssemos ao trabalho de atravessar a superfície dos acontecimentos e aprendêssemos a discernir quais são realmente as forças que operam nas profundezas da História? Será que a História segue algum plano? Mover-se-á ela em uma direção definida? Haverá um fim para o qual estejam convergindo os acontecimentos históricos? E mais, qual a posição do homem na totalidade do processo histórico? E' êle apenas o juguete de forças supra-humanas ou terá certa liberdade de decisão e de ação? E, finalmente, é a História mais do que simplesmente um processo continuado como a natureza? Terá ela algum sentido último?

Perguntas como estas serão objeto de nossas cogitações durante estas aulas. Não podemos prometer que nossa solução para êsses problemas irá satisfazer plenamente os leitores. Mas valerá a pena o esforço porque na presente conjuntura histórica em que o homem parece ter se tornado a vítima de forças anônimas, todo esforço para vindicar a dignidade e a superioridade do homem, valerá a pena.

Pretendemos iniciar nossa investigação com um apanhado dos diversos tipos de interpretação da História através dos tempos; tentaremos avaliar suas contribuições duradouras e suas falhas.

## B. — A DESCOBERTA DA HISTÓRIA.

Partimos do pressuposto de que a História se distingue da natureza não apenas como uma esfera específica de experiência, mas também ontologicamente como uma maneira diversa de as coisas

acontecerem. Mas é importante não esquecer que o sentido histórico é uma peculiaridade do mundo ocidental, que se desenvolveu lentamente nas nações situadas em volta do Mediterrâneo e que o próprio conceito de História é de origem muito recente. Não há sentido histórico entre as grandes nações e religiões do Extremo Oriente a não ser como uma importação relativamente recente do Ocidente; e mesmo no "Ocidente" durante muito tempo só existiu um verdadeiro sentido histórico entre os hebreus.

E' verdade que tanto na antiga Mesopotâmia como no Egito já encontramos relatos do passado e cronologias, e poderíamos considerar êstes fatos como prova de que o sentido histórico existia nestes países em estado embrionário. O povo que tem uma cronologia, isto é, que determina certos acontecimentos por sua distância temporal de um acontecimento definido no passado, exprime assim sua convicção de que as coisas não acontecem puramente ao acaso. Estão convencidos de que certa ocorrência no passado teve importância essencial para tudo que se seguiu. Outra consequência dos esquemas cronológicos é a convicção de que nada que se deu antes daquele evento merece ser lembrado. Esta foi também a origem da cronologia cristã. Sòmente em época relativamente tardia, foi que se começaram a anotar fatos ocorridos antes do nascimento de Cristo. Assim procedendo, adotaram uma concepção inteiramente nova da História; de acôrdo com esta, a época anterior a Cristo também era digna de ser lembrada, como um período de preparação para o reino de Cristo.

A concepção da História implícita nas cronologias antigas é, porém, muito fragmentária e defeituosa. Apenas expressa a convicção que um certo acontecimento do passado era mais digno de ser comemorado que todos os outros, e, muito provàvelmente tais sistemas foram todos adotados com finalidades práticas. Um esquema cronológico é um meio bastante conveniente para se marcar datas de um modo geralmente aceito. Nas cronologias antigas, porém, não estava implícita a idéia de que os acontecimentos que se seguiam ao acontecimento inicial formavam uma série contínua com o primeiro ou entre si ou que serviam a um propósito comum. Isto é verdade até mesmo para o sistema romano de contar seus anos a partir da fundação da cidade. Foi sòmente com Lívio e Virgílio e sob a influência de idéias estrangeiras que se percebeu uma ligação teleológica entre a fundação da *Urbs*, de um lado, e, por exemplo, os acontecimentos que se deram no comêço de nossa era de outro.

Não são menos fragmentárias e indefinidas as concepções da História subjacentes aos diversos modos de recordar o passado, encontrados na parte oriental do mundo mediterrâneo, por exemplo inscrições comemorando grandes feitos de reis ou generais, cantos

louvando os heróis e os benfeitores do passado e, mais tarde, crônicas de tôda a sorte. Todos êstes “monumentos” baseiam-se no reconhecimento do fato que uma vez acontecido um evento, não está necessariamente morto e desaparecido. De um modo dificilmente compreendido de uma maneira clara e consciente, os feitos assim lembrados eram considerados como fatos dignos de serem trazidos à atenção da posteridade. Louvando as grandes realizações da Antigüidade ou exaltando a fama dos heróis do passado, um povo parece chegar à compreensão de que no curso de sua História uma nação é uma unidade e que por causa disso, os acontecimentos e feitos notáveis do período precedente projetam seu esplendor sôbre as gerações seguintes. Eu não negaria, portanto, que uma primeira indicação de que a História é um processo contínuo pode ser encontrada nesses monumentos da Antigüidade. Mas há também evidências de que esta continuidade não era sentida com tanta intensidade quanto a do processo temporal. E’ por isso que os acontecimentos históricos não são confiados à memória das gerações vindouras em sua relação de causa e efeito, aviso ou prenúncio e catástrofe, prognóstico e cumprimento, mas antes são exaltados como testemunhas da vida excepcional da nação. Assim as coisas principalmente lembradas são as grandes realizações do grupo ou seus membros mais destacados ou exemplos de “sorte” ou “desgraça” na História nacional, e o modo de celebrá-los mostra que o processo temporal em si é com isto posto de lado. A glória não é obscurecida pela passagem do tempo e não diminui à medida que as gerações se sucedem. Para Alexandre-o-Grande, Aquiles, por exemplo, era um herói tão grande como havia sido para os gregos do VI século antes de Cristo.

Esta interpretação também não é contrariada pelo fato do termo História provir do latim *Historia* que corresponde ao grego *historia*. Da existência destas palavras não decorre que no tempo de sua origem já se tivesse desenvolvido o sentido histórico. *Historia* significa, originariamente, pesquisa e em seguida conhecimento baseado na pesquisa, por exemplo e *dzoikè historia* em Aristóteles significa “zoologia”. O termo grego e seu equivalente latino referem-se originariamente a coisas dignas de serem conhecidas, isto é, a fatos interessantes ou notáveis e não ao que queremos dizer hoje quando nos referimos à História. Assim as obras dos historiadores antigos abordam seu assunto de uma maneira completamente diferente do tratamento moderno do mesmo. Heródoto, que é freqüentemente chamado o “pai da historiografia” manifesta, sem dúvida, um certo zêlo em investigar o que aconteceu realmente. Todavia, seu objetivo não é, de maneira nenhuma, o de descobrir a ligação que há entre uma idéia de acontecimentos sucessivos ou de descobrir a direção do processo. Em

lugar disso procura contar coisas que pareçam interessantes a seus leitores, ou que os façam maravilhar-se com o acontecido no passado, ou com o que tenha sido inventado. O nexu que êle vê entre os acontecimentos, não é, a rigor, histórico, mas antes psicológico, por exemplo provocação e vingança. Além disso, nota-se uma preocupação, mau grado a instabilidade da História, de evidenciar a relação de bondade e sucesso pessoal e *hybris* e calamidade. À primeira vista parece que Tucídides está mais próximo do conceito moderno de história. Sua descrição da Guerra do Peloponeso nos dá um quadro coerente dos acontecimentos. Apresenta uma visão clara das causas do sucesso e do fracasso políticos que repousam, para êle na presença ou ausência de poder marítimo e econômico. Mas, também êle, está mais interessado na lição da História, do que na análise histórica. Todo seu trabalho baseia-se no pressuposto de que a História se repete constantemente. O trabalho do historiador, consiste, portanto, em contar o que se deve fazer e o que se deve evitar para ser bem sucedido.

Duas são as razões porque o mundo antigo não conseguiu ter uma concepção adequada da História: são elas o politeísmo e a concepção puramente naturalística do tempo. A estrutura politeísta do pensamento antigo baseia-se na incapacidade de descobrir unidade na causa dos eventos. Mesmo quando há um Panteon e um Deus supremo, seu reino se nos apresenta como precário e puramente nominal. O modo arbitrário de agir das divindades individuais mostra o fracasso do homem antigo em discernir um designio comum nos acontecimentos. Como consequência os esforços para descobrir um elemento ou princípio básico por detrás da diversidade limitam-se geralmente à estrutura material do universo; isto é bastante óbvio no momento em que o pensamento antigo começou pela primeira vez conscientemente a explicar a natureza do ser: na antiga filosofia jônica. Aquêles filósofos lançaram as bases de toda a filosofia que se seguiu na Hélade e em Roma e sua intenção básica foi continuada pela filosofia árabe e cristã medieval.

O fracasso em discernir um propósito na realidade teve importante consequência. Tudo que acontece na esfera humana foi incluído no processo da natureza como é bem evidente na filosofia epicúria e na estóica. Quando se fez um esforço para vindicar o caráter peculiar da existência humana, a única solução encontrada foi a de dissociar a existência natural do homem que ocorre no tempo, de sua existência espiritual que se pretendia que estivesse acima do tempo, como em Platão, por exemplo. Mas tal posição submetia a História completamente à natureza, como se ela fôsse alguma coisa sem sentido.

A incapacidade do mundo antigo para interpretar o tempo a não ser em função do mundo material ou da natureza foi a razão por que nunca chegaram a um conceito adequado da História e por isto não conseguiram ultrapassar os dados mais elementares de seu sentido histórico. Soederblom e outros *scholars* acham que a religião zoroastriana é uma exceção a esta regra geral e que nela não somente surgiu o conceito de História, como também se desenvolveu até à maturidade. Porém, se é verdade que o zoroastrianismo apresenta uma concepção teleológica do mundo que culmina na vitória final das forças do bem sobre as do mal, acha-se esta concepção muito longe de oferecer um conceito claro de História. O triunfo final de Ahura Mazda é obtido pelos que se alistam a seu serviço. Mas a derrota decisiva, pelo que se pode concluir do Avesta, é um ato ocorrendo num domínio transcendental em lugar de se dar na História. Além do mais, em parte nenhuma é o processo temporal diferenciado em um elemento que chamaríamos natureza e outro que seria a História. Ao contrário, a vitória da luz sobre as trevas, que é o tema recorrente desta religião, dá-se simultaneamente no universo e na vida humana. Como consequência, o objetivo final não consiste na vindicação da dignidade superior do homem, mas antes em sua participação, e do resto da natureza, na vitória da luz.

Assim nosso exame nos leva à conclusão de que na Antigüidade só se encontra uma visão clara da História em um sentido histórico desenvolvido na religião de Israel. Embora em detalhes o pensamento religioso do judaísmo post-exílico possa ter sido influenciado por seus contactos com a religião persa, seus elementos constitutivos já são encontrados nos profetas pré-exílicos. Eles dão ênfase à posição única que o homem ocupa no universo, posição diferente da de todas as outras criaturas, e que resulta de seu contacto com Deus; e ao desenvolvimento de um plano divino na História do povo escolhido e, por isso, a continuidade intrínseca do processo histórico. A religião cristã adotou a concepção histórica do judaísmo, e foi devido a influências judaicas e principalmente através do cristianismo que a humanidade ocidental tornou-se historicamente consciente.

Devemos ter em mente estes fatos ao estudarmos os vários tipos de interpretação da História. O que encontramos na Antigüidade invariavelmente são interpretações do processo temporal universal que incluem os eventos da História humana. Análogamente, muitas das concepções modernas da História ao se afastarem deliberadamente do cristianismo, ou caem no naturalismo da Antigüidade, ou pelo menos viciam as idéias herdadas do cristianismo por seus autores, combinando-as com as de tipo naturalístico da Antigüidade.

### C. — INTERPRETAÇÕES PRINCIPAIS DO TEMPO HISTÓRICO.

Examinaremos rapidamente algumas das principais concepções do tempo histórico mantidas em nossos dias. Na maioria dos casos suas raízes vão até à Antigüidade, e são por isso a expressão de um conceito de tempo no qual a História não tinha sido ainda claramente apreendida.

#### 1. — A concepção cíclica.

De acôrdo com esta concepção, o processo temporal atravessa um número sucessivo de fases, uma dando origem à outra inevitavelmente, até que mediante uma fase de desintegração ou destruição, chega-se a uma nova origem, dela desenvolvendo-se um novo processo, de acôrdo com idêntico modelo. Parece que esta concepção foi mantida primeiramente na Mesopotâmia e que era baseada na observação da revolução das estrêlas, do movimento do sol através das "casas" do céu e da periodicidade cíclica da Lua. Daí surgiu a idéia de um ano cósmico como sendo o processo mais amplo possível de um movimento cíclico. Não é surpreendente que os sábios babilônicos, partindo de sua base astronômica, desenvolvessem a idéia de uma Necessidade inescapável de acôrdo com a qual todos os acontecimentos se davam. O processo temporal não daria nenhuma atenção à vontade e ao refôrço dos que nele estivessem envolvidos e nem por isto atenderia seus desejos e necessidades.

Tal concepção é de uma grandeza austera. O curso dos acontecimentos humanos é apenas o reflexo do curso dos céus. A astrologia, embora capaz de predizer o futuro, não oferece, entretanto, os meios para alterar o curso inexorável do tempo. Esta concepção permite que haja diversidade considerável nas fases sucessivas do processo do tempo. Um período pode trazer grandeza e alegria, outro vergonha e miséria, de acôrdo com sua natureza específica. Uma vez que é a Necessidade que dirige todo o processo, o homem pode encontrar pelo menos confôrto no fato de que nenhuma fase dura indefinidamente e que assim seus males terminarão um dia.

O significado histórico da concepção cíclica do tempo dificilmente pode ser super-estimado. Os antigos astrônomos da Mesopotâmia conceberam uma idéia clara e razoável da unidade do processo temporal. O que para o homem primitivo parece apenas uma sucessão de acontecimentos desconexa e sem sentido, é na realidade o reflexo de um processo celestial. Assim, o próprio tempo é elevado acima da experiência sensorial e adquire uma espécie de realidade transcendental. Além disso, a concepção cíclica do tempo implica numa direcionalidade do processo temporal. Em-



bora, rigorosamente falando, nenhum objetivo seja atingido, uma vez que todos os pontos da circunferência são equivalentes, há todavia mais do que uma mera continuação do processo temporal. O todo segue um modelo definido e assim as diversas fases do processo avançam numa ordem precisa e a humanidade pode portanto, sempre esperar por uma coisa bem definida no futuro. A ausência de finalidade implica, além disso, na convicção de que o tempo continuará indefinidamente, e, embora catástrofes periódicas possam prejudicar seu substrato, o universo, êste nunca será destruído.

Embora a idéia de Necessidade implícita nesta concepção fosse opressiva, todavia livraria o homem do temor de estar neste mundo meramente sob o domínio do acaso. Onde há Necessidade há também regularidade, e conhecendo o esquema da Necessidade o homem pode se ajustar às suas exigências, embora mudanças requeiram reajustamentos sucessivos. A civilização em base mais ampla foi com isto inaugurada. Finalmente, tendo sua origem baseada na astronomia, esta concepção relacionava a vida do homem diretamente com as forças celestiais e assim o colocava acima do nível do naturalismo inferior encontrado em outras formas de paganismo.

Esta concepção cíclica do tempo conseguiu adeptos entre os gregos, principalmente em Platão. Para êle o universo se move a partir da perfeição original, mediante desintegração gradual até o caos, a partir do qual nascem de novo a ordem e a perfeição. O estoicismo, pelo menos em seu estágio final, adotou uma concepção semelhante. O universo não é de modo nenhum uma unidade imutável. Apesar da sua ordem, está sujeito a uma gradual dissolução que terminará finalmente em uma conflagração mundial. E daí nasce um novo universo. Alguns dos pensadores da Renascença ficaram fascinados por esta concepção que parecia estar mais de acôrdo com sua idéia da natureza do que a concepção teleológica da religião cristã. Machiavelli, por exemplo, applicou êste esquema ao desenvolvimento da vida política. De acôrdo com êle a ordem social começara com a monarquia que se degeneraria em despotismo e seria depois substituída por uma forma aristocrática de governo. Todavia, com o tempo, esta seria erroneamente usada para a oligarquia que, por sua vez, seria derrubada pela democracia. Quando a última se desintegrar, transformando-se no governo da turba, levantar-se-á um homem forte, estabelecendo de novo a monarquia. O aspecto novo da concepção de Machiavelli que já estava, todavia, implícito na de Platão é a compreensão de que somente a Necessidade não explicaria a volta ao estado inicial. Deve haver um elemento de bondade construtiva na substância da História, que contrabalance as forças destrutivas e de desintegração. Além disso,

pela aplicação da concepção cíclica à vida política o naturalismo básico da idéia original foi superado. E' devido ao senso de ordem e justiça do homem que pode ser retificado o desenvolvimento político. Assim, longe de terminar em desintegração completa, a vida política retorna finalmente às suas férteis origens.

De natureza semelhante é a Filosofia da História proposta por Giambattista Vico (1668-1744). De acôrdo com êle todos os ramos da História se movem em ciclos de três fases, a saber, o divino, o heróico e o humano. A Renascença francesa deu uma versão sociológico-ética à concepção cíclica. A História começa com necessidade e trabalho; êste engendra a riqueza que leva ao amor da luxúria e ao ócio e o resultado é a pobreza. Daí o ciclo inicia-se de novo. Em época recente a concepção cíclica foi revidada por Oswaldo Spengler. Porém contrastando com as concepções abstratas dos pensadores da Renascença que achavam que um ciclo constantemente se repete, êle postula uma pluralidade simultânea de ciclos independentes. Cada um se desenvolve em analogia com a vida orgânica, isto é, a partir de um comêço pequeno cresce em força e em realizações até que atinge poder cultural e político. A êste estágio segue-se um de transição entre cultura criadora e civilização tecnológica, entre govêrno próprio e tirania e ditadura. Esta é, por exemplo, a situação em que se encontra o mundo ocidental de hoje. Ela é sintoma de desintegração que eventualmente conduzirá à dissolução completa do ciclo. Opondo-se ao pessimismo de Spengler, Sorokin combina a idéia cíclica com uma interpretação otimista. Acredita êle que um grupo histórico é capaz de repetir seu ciclo diversas vêzes, partindo de uma visão materialista, passando para uma concepção ideacional para chegar finalmente a uma concepção idealista da vida.

O fatalismo absoluto à base de tôdas estas concepções não leva em consideração um elemento essencial da atividade histórica. Na vida histórica os homens agem tendo certeza de que sua atividade espontânea contribui com alguma coisa de essencial para o resultado último. Tôda interpretação da História que não leva em consideração esta característica ou que tenta provar que ela se baseia numa ilusão, não descreve a História como ela é sentida pelos que nela estão empenhados. E' uma concepção de espectador.

Em tôdas as concepções cíclicas o homem é sempre rebaixado simplesmente ao nível da natureza. Do mesmo modo que as estações do ano sucedem-se com eterna regularidade, assim de acôrdo com esta concepção, a História se repete. Tal fatalismo pode trazer um elemento de confôrto em tempo de desgraça e calamidade histórica, a saber, que as coisas não podem continuar assim indefinidamente. Mas também implica êste ponto de vista na admissão de que tôda a atividade histórica é futil: mau grado as ações e mau

grado os esforços feitos para preservar um certo estado da vida histórica, uma mudança das coisas todavia ocorrerá.

Nietzsche esperou evitar as conseqüências pessimistas da concepção cíclica. Imaginou que na eterna repetição dos ciclos o próprio universo confirma a crença do homem em que o mundo existente é bom, apesar de tôdas as aparências do contrário. Por isso pregou que *amor fati* em lugar do amor cristão a Deus é a mais perfeita atitude para com a realidade. Mas tal interpretação da História chocou-se com a crença compartilhada pelo próprio Nietzsche de que o homem ocupa um lugar de destaque no universo. Além disso ela era incompatível com a crença dêste filósofo em que o super-homem é a finalidade da História. Se tôdas as coisas são recorrentes, o super-homem desaparecerá depois de um certo tempo e reaparecerá o escravo.

A concepção cíclica da História apresenta um paradoxo cruel: o ciclo compõe-se de uma série de valores. Porém é da natureza do círculo que em sua circunferência não pode haver pontos mais altos e pontos mais baixos; qualquer ponto pode ser considerado como o começo ou o fim. O espírito grego raramente adotou a concepção cíclica em tôda a sua rigidez. O povo da Hélade se rebelava contra o seu Fatalismo. Assim êles a combinavam com a idéia de *Kairós*. Admitido o fato de que cada fase do ciclo é dominada por um fator diferente, cada fase oferece oportunidades específicas, ou *Kairoí*, ao homem. Se uma pessoa apodera-se de sua oportunidade, a roda do tempo a levará consigo, enquanto que aquela que não se apodera será lançada fora. *Kairós* é representado como um jovem alado que mantém os dois pratos de uma balança sôbre o gume de uma espada. Isto quer dizer que *Kairós* requer uma decisão rápida e está cheia de riscos e perigos. Com esta concepção de *Kairós* ou *tyke* o determinismo do ciclo não é afastado e assim o processo como um todo deve ser interpretado de maneira pessimista. Porém, como o indivíduo vive e age apenas em um dado momento da História e não durante todo o processo, a idéia de *Kairós* parece dar sentido à vida histórica, porque nela é dada uma oportunidade ao indivíduo.

## 2. — Concepções lineares.

A concepção cíclica não pode satisfazer o espírito inquiridor a não ser que o homem se considere como parte da natureza, como é o caso, por exemplo, das religiões pagãs do Oriente Próximo. Mas quando se dá ênfase à superioridade do homem, outras concepções têm que ser adotadas nas quais o movimento cíclico cede lugar ao linear. Historicamente podemos distinguir dois tipos desta concepção, a saber, um movimento simbolizado por uma linha finita,

tendo um comêço e um fim; e uma linha que continua indefinidamente.

a). — *Processo finito.*

O primeiro tipo é encontrado, por exemplo, na concepção de Hesíodo das quatro idades. A História se move partindo da idade de ouro, passando pela de prata e de bronze até chegar finalmente à de ferro. Há um elemento de pessimismo implícito nesta concepção. A História desce até o nível mais baixo possível sem esperança de melhora. Uma concepção semelhante de deterioração gradual da História foi adotada pelos escritores das grandes tragédias gregas como Ésquilo e Eurípedes. Vêm êles o homem na História combatendo uma batalha perdida contra fôrças hostis que acabarão triunfando sôbre êle. Concepção semelhante é encontrada em tempos mais modernos na trágica visão da Renascença ou na visão melancólica do romantismo. Afirma-se que os bons tempos já passaram há muito. Vivemos numa época condenada a colher os frutos de pecados passados. Sua forma mais recente pode ser encontrada no pessimismo cultural e no derrotismo político de nossa época. A concepção pessimista implica num julgamento moral consciente ou inconsciente. Coisas erradas foram feitas na História do passado e estas faltas trarão, inevitavelmente, conseqüências más. Porém, apesar de sua profundidade ética, esta concepção não é satisfatória, porque é unilateral e fragmentária. Encontra faltas nas gerações anteriores apenas e postula arbitrariamente que o momento presente do tempo é o fim.

A concepção linear finita pode ser interpretada, porém, tanto de um modo otimista como pessimista. O mais conspicuo representante da visão otimista foi Hegel. De acôrdo com êle a História é um processo no qual a razão se move de um estado de indiferença para um de completa consciência de si, ou da natureza para a cultura. Embora Hegel afirmasse seguir a tradição cristã e tivesse protestado se se visse colocado entre as concepções naturalistas, na realidade alinha-se com estas. E' característico de sua filosofia o fato de não ver êle nenhuma diferença essencial entre a filosofia da natureza e a filosofia da História. História, em outras palavras, é apenas uma fase no processo da natureza ou da razão absoluta. Deve-se, portanto, compreender o homem como sendo o ponto mais alto atingido pelo processo do desenvolvimento natural. A História tinha se movido de acôrdo com a dialética dos três momentos da Razão Absoluta, do Extremo Oriente, através do Mediterrâneo até a Europa do Norte, onde atingiu sua objetivação final na filosofia do prof. Hegel e no estado prussiano, por esta endossado. Desde êste tempo, lógicamente, a História não tinha outra função a não ser

a de desenvolver a síntese prussiano-hegeliana. O próprio curso da História há muito tempo refutou as arrogâncias de uma tal concepção e reduziu a filosofia hegeliana ao papel de um mero estágio em seu movimento ininterrupto.

Há, apesar de seus absurdos, elementos valiosos na concepção de Hegel. Há, acima de tudo, a compreensão de que o curso da História deve se mover em direção a um objetivo final se ela tem algum sentido e também que devemos procurar alguma ligação racional intrínseca entre os atos sucessivos de um processo histórico. Além disso, embora o próprio Hegel tenha, em certo sentido, naturalizado a História, chamou também a atenção para o fato de que ela não pode ser compreendida de um modo materialista. Está implícito nela um elemento por meio do qual a natureza se transcende a si mesma: a consciência do homem de que quando êle age historicamente o faz com a visão de um objetivo racional, e de que com tal consciência êle goza de uma liberdade que não se encontra na natureza.

Sabe-se, porém, que a concepção de Hegel chegou até nossos dias na filosofia social de Marx e na interpretação econômica da História que é a espinha dorsal do comunismo. A afirmação de que o objetivo final da História está ao alcance do homem moderno tornou o comunismo tão atraente para um grande número de nossos contemporâneos. De acôrdo com esta concepção, as pessoas que se empenham neste movimento podem ter a certeza de seu sucesso. Porque a revolução social realiza-se com necessidade inerente; o homem não tem que operar a fase final, tem apenas que se ajustar aos sucessivos movimentos do processo. A filosofia otimista de Hegel, tanto na sua forma original como na modificação que lhe foi dada por Marx, teve um estranho destino. Embora proclamada em nome e no interêsse da Razão Absoluta, esta interpretação da História, como nunca antes se deu, persuadiu os indivíduos a abdicarem seu poder de raciocínio crítico e a submeterem-se fatalisticamente à operação da História. O aspecto mais trágico daquele desenvolvimento é o fato de que a aplicação consistente desta concepção levou a desconsiderar completamente a dignidade e a felicidade humanas. O que deveria tornar o homem realmente humano e conseguir a libertação das massas oprimidas, resultou na pior espécie de desumanidade e tirania que os homens já conheceram. Esta contradição interna é já em si uma evidência de erros básicos incorporados nesta interpretação da História.

#### b). — *A Linha Infinita.*

Em oposição àquêles que consideram essencial atribuir começo e fim à História, outros pensadores têm sustentado que é da

própria natureza do processo temporal continuar indefinidamente. Negam até a existência de um modelo definido da História, como se encontra, por exemplo, na concepção cíclica. A consequência é, naturalmente, que o processo temporal não tem nenhum sentido e que se o homem deseja achar alguma coisa de valor na vida, deve procurá-lo em outra esfera de existência. Assim os epicuristas, por exemplo, ensinaram que sem nenhuma razão visível, o tempo estava se movendo para cima e para baixo, trazendo com isso boa e má sorte de uma maneira completamente fortuita. Por isso o valor da vida não depende das vicissitudes dos acontecimentos históricos. Antes tudo depende daquilo que o homem faz dela.

A influência do pensamento cristão pode ser discernida no modo por que o pensamento moderno modificou a idéia de um processo temporal infinito. Enquanto a negação racionalista de uma atividade divina na História excluía a idéia de uma finalidade, com a idéia de progresso, o homem moderno criou uma concepção da História que se aproxima muito de um processo com um fim. Afirma que a História se move constantemente de valores mais baixos, para mais altos, de um estado menos perfeito ou satisfatório para um estado mais perfeito. Esta direcionalidade não é obra humana, antes o homem é levado e condicionado por ela. Em detalhes de interpretação histórica os devotos da crença do Progresso diferem entre si. O tipo popular, mais raro agora, depois das duas guerras mundiais, do desenvolvimento do comunismo e dos horrores dos governos ditatoriais, do que era há vinte ou trinta anos, afirma simplesmente que as coisas vão se tornando melhores cada dia. Por mais obscura que seja a visão no momento, afirma-se convictamente, no meio de calamidades e desastres, que "alguma coisa boa resultará daí". Como um dos resultados dessa crença no Progresso a modernidade é cultuada como tendo valor em si. O que é deve necessariamente ser melhor do que o que foi.

Outros interpretarão o Progresso à luz de um otimismo heróico. De acôrdo com esta concepção a História tem seus altos e baixos, mas o homem é superior ao destino e, assim, capaz de sobrepujar suas derrotas. Como resultado disso êle atingirá um nível mais alto do que aquêle de onde caiu, de modo que a visão total é ainda de Progresso. Outra modificação se encontra, por exemplo, na idéia de Morgan Lloyd de evolução emergente. De acôrdo com esta concepção, o curso da História se assemelha a degraus. Depois de um período maior ou menor de existência aparentemente estática, o nível eleva-se súbitamente, simplesmente para introduzir um novo período de relativa estagnação.

Mencionaremos finalmente duas combinações interessantes da concepção cíclica e linear. Goethe considerava a espiral como o

símbolo da História. O modelo da História seria essencialmente o mesmo através das idades, porém o processo total não consiste em mera repetição do ciclo original. Antes a área da História se expandiria constantemente. Semelhante é a concepção defendida por muitos judeus modernos, — de acôrdõ com a qual o Messias é Israel que nasce de novo em cada período.

E' fácil mostra a falácia que se esconde na idéia de progresso: a pressuposição de que o acúmulo puramente quantitativo resultará em uma mudança qualitativa para melhor. Além disso, que é esta interpretação otimista da História senão pensamento ocioso? O crente no Progresso tem que ser inconsistente. Fecha seus olhos ao fato do qual êle partiu, a saber que ao processo histórico falta uma finalidade e mesmo uma direção. Se êste fato fôsse levado a sério revelaria um mundo que é mantido num equilíbrio precário. Nada que existe é considerado suficientemente bom para durar. Enquanto que o elemento de crença na idéia do Progresso implica em que há um excesso de bondade no universo, a experiência histórica indica que esta bondade está constantemente empenhada em um combate contra a desintegração. Se êste mundo estivesse num perfeito estado de harmonia, não haveria nenhuma razão porque o processo devesse se mover para um novo estágio. Finalmente, se como está implícito na idéia de Progresso, o bom de hoje tem que ceder lugar ao melhor de amanhã, o resultado de amanhã também não será satisfatório, porque deve logo ser substituído por alguma coisa considerada ainda melhor. Todo o processo se transforma numa ilusão de ótica, porque não há realizações duradouras.

### 3. Concepção punctiliar.

Finalmente mencionaremos aquelas concepções da História que negam qualquer continuidade entre os vários estágios no tempo. Suas raízes remontam ao politeísmo, isto é, a uma concepção do universo em que muitos deuses rivais estão operando e não há senhores supremos sôbre êles. Como resultado, o processo temporal se apresenta como absolutamente irracional e imprevisível. Grandes grupos da humanidade moderna parecem inclinados a aceitar esta concepção. Embora o resultado do processo temporal possa ser útil ou prejudicial aos que são nele envolvidos, não se observa nenhuma ligação entre as qualidades dêstes, de um lado, e os acontecimentos, de outro. Provas de tal interpretação do processo temporal se encontram, por exemplo, nos efeitos das revoluções modernas em que os méritos anteriores das pessoas não são absolutamente levados em consideração, ou na expulsão em massa de populações como resultado de guerras ou de acordos internacionais, em que nenhum direito anterior é respeitado.

D. — CONCLUSÃO.

Tôdas as concepções não personalísticas da História tem duas sérias imperfeições em comum: primeiro, deixam de esclarecer a relação entre liberdade e necessidade na História. Embora o homem compreenda que não tem liberdade de ação ilimitada na História, as concepções impersonalísticas admitem a operação de uma necessidade que destruiria completamente a liberdade do homem. Isto é contrário à sua consciência de participar na moldagem de seu destino. Tôda interpretação satisfatória da História deve deixar espaço suficiente para uma atividade responsável. Em segundo lugar, deixa de esclarecer a relação entre contingência e finalidade na História. Tôdas estas concepções negam que um fim real possa ser encontrado na História. Porém, quando o homem se empenha na História, age tendo um fim em vista. Por sua vez, contudo, tais objetivos não podem ser dados intrínsecos do processo, pois este último obviamente com freqüência ignora os esforços do homem.

Estas dificuldades não são vencidas quando, como o fazem os filósofos do século XVII e XVIII, a necessidade histórica é interpretada como uma necessidade racional. Porque isto é exatamente uma petição de princípio. Se a História se identifica com o processo temporal, mas falta-lhe um objetivo verdadeiro, como Descartes, Spinoza, Leibniz e Wolf pensaram, então, sua racionalidade não tem sentido. Porque derrota e sucesso ocorrem com a mesma necessidade racional. Para preservar a racionalidade do processo histórico, Nietzsche substituiu corretamente o *amor Dei intellectualis* de Spinoza pelo *amor Fati*. Encarado do ponto de vista do homem que age historicamente, o mero processo temporal não tem um sentido mais elevado, mesmo que tudo nele possa acontecer de acôrdo com leis. Porém Nietzsche não resolveu o problema. A tensão entre a luta do homem por um fim digno, de um lado, e a falta de sensitividade por parte do universo, de outro, acabará finalmente por esmagar a mente do homem, como evidencia a sorte de Nietzsche. Temos que tentar uma interpretação da História em termos personalísticos.

(*Continua no próximo número*).

OTTO A. PIPER

Professor de Literatura e Exegese do Novo Testamento no  
Seminário Teológico da Universidade de Princeton (Estados  
Unidos).